



É PRECISO NASCER OU TRANSFORMA-SE MULHER PARA ASSIM SE SENTIR? Uma análise do Filme A Garota Dinamarquesa.

Mariel Moreira Barbosa¹
Dulce Maria da Silva Voss²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo discutir a produção de performances de gêneros e sexualidades encarnadas na personagem Lili que aparece no filme “A Garota Dinamarquesa” 2015, uma produção cinematográfica exibida durante os estudos feitos no componente Corpos, Gêneros e Sexualidades cursado no Mestrado em Ensino (UNIPAMPA) e que nos moveu a pensar possíveis articulações às teorias foucaultianas abordadas na obra História da Sexualidade: a vontade de saber (1988).

Procura-se olhar para o que Foucault chama “hipótese repressiva da sexualidade” no Ocidente, visto que a personagem Lili experimenta viver o gênero biológico masculino ao se casar com uma mulher e ter com ela um relacionamento dito normal, natural e sexualmente ativo, até o momento em que permite-se mudar de performance, tornando-se mulher. Neste contexto é possível perceber o quanto a repressão pôde manter muitas pessoas “controladas” quanto à seus desejos.

DESENVOLVIMENTO

Na obra cinematográfica “A garota dinamarquesa” é possível perceber que a personagem principal Lili, inicia sua história como “o personagem” Einar Wegener, vivendo uma relação heterossexual nitidamente confortável, casado com uma mulher Gerda Wegener, a qual ele a chama de “despudorada” em seus diálogos íntimos e que, sofre na pele preconceitos por ser artista/pintora. Ambos vivem a arte da pintura, mas as obras da esposa até então não eram reconhecidas, ao contrário das pinturas do marido. Até que, num determinado momento, Gerda sugere que o marido pose para uma pintura inacabada de uma mulher, pois a modelo não poderia ir para a sessão de pintura.

1Graduanda do Curso de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas- UFPel, marielmmb@gmail.com;

2 Doutora em Educação, professora da disciplina Corpos, Gêneros e Sexualidade na Educação - UNIPAMPA, dulce.voss@gmail.com



Imagem do Filme: A garota dinamarquesa



Fonte: <https://pipocanamadrugada.com.br/site/resenha-a-garota-dinamarquesa/>

Inicialmente visto pelos dois como uma brincadeira, na qual este casal, livre de preconceitos e visões padronizadas e duras se divertem muito, estes momentos se tornam muito agradáveis à Einar, que, aos poucos sente-se cada vez mais confortável em roupas femininas, até que ambos criam uma personagem chamada “Lili”.

Imagem do Filme: A garota dinamarquesa



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/691372980273811779/>

Lili passa a ser a principal inspiração das obras de Gerda, que cria quadros com a personagem e ganha fama. Passa então a frequentar eventos sociais e, nestes, as pessoas notam a ausência de Einar, que é justificada por ele preferir a vida privada e estar imerso na finalização de um quadro que considera sua maior obra.

Gerda começa a ir aos eventos acompanhada de Lili, apresentada como prima de Einar, uma presença constante e marcante, que chama a atenção de todos. Uma cena interessante é quando, bem no início das pinturas, Einar coloca apenas as meias finas, e,

posteriormente, em uma outra cena, Gerda lembra que ele se apaixonou pelos seus tornozelos, quando ainda eram mais jovens e ela usava vestidos que mostravam os tornozelos mais que as outras moças de sua época, lembrou também que tamanha era a timidez de Einar que ela o beijou primeiro, fazendo assim o filme um *link* com o que ele sentia sendo Lili ao que ele ainda nem sabia que poderia sentir ao se tornar mulher.

Desse modo, o filme nos leva a pensar sobre os padrões culturais heteronormativos que instituem modos de ser e existir homem e mulher de forma normal e natural e de viver as relações sexuais. Algo que Foucault chama de hipótese repressiva das sexualidades dissidentes, ou seja, aquelas que escapam dos regimes de verdade e das relações de poder-saber agenciadoras dos corpos.

Na obra de Foucault (1988), há uma referência ao conceito de genealogia de Nietzsche, como uma determinada ideia se formou em uma sociedade, tempo e espaço e como a sociedade passou a lidar com determinadas situações e as considerar “normais”.

A hipótese de que esta normatização da sexualidade foi produzida na sociedade ocidental na forma de reprimir é forte e talvez muito mais relacionada ao poder social, político e econômico do que ao religioso. Foucault inverte esta hipótese, lembrando que isto já foi dito anteriormente e ele diz que o que aconteceu, na verdade foi o contrário, ou seja, o ocidente abriu espaços para colocar a sexualidade em discurso, iniciando nos confessionários, onde as pessoas eram obrigadas a relatar suas vidas sexuais. Práticas confessionais que absorve psicólogos, psiquiatras, psicanalistas e todos as profissões e estudos relacionados ao poder brilhante da mente envolvem-se com esta discussão atualmente, tornando então o divã, o moderno confessionário cristão, onde, ao invés de se impor penitências se faz um diagnóstico do que não é “normal”.

O saber psiquiátrico se apropria então da sexualidade e procura criar determinações patológicas para cada situação que fuja da heterossexualidade. No filme, o personagem hétero passou a gostar de vestir-se como mulher e em meio às suas performances lembra momentos de infância ainda, em sua cidade pacata e percebe que lá, quando ainda era muito jovem deixou-se ser beijado pelo melhor amigo, enquanto brincavam na cozinha, ele usava o avental da avó, o que dá para perceber o quanto um simples artefato, preconceituosamente atribuído às mulheres apenas, o deixava à vontade e assim, após a descoberta de Lili além do uso das roupas da esposa, também deixou-se ser beijado por um homem, quando estava na personagem Lili, durante uma festa.



O mais instigante dessa história, é que a primeira coisa que as pessoas (ele e a esposa) despudoradas fizeram, foi procurar ajuda médica, tratamento psiquiátrico, psicológico e na época, tratamento com radiação nos órgãos sexuais, o que era considerado milagroso, após obviamente ser diagnosticado homossexual e esquizofrênico, sendo sugerida a internação.

Talvez então, a parte mais bonita do filme seja este impacto, que Gerda tem ao perceber que irá perder Einar para sempre, ou para um manicômio ou para uma mudança tão radical onde não o teria mais como seu par. O amor em forma de aceitação que ela sente então, a leva a incentivar todo qualquer passo que Lili queira dar na produção de sua felicidade, mesmo dentro de um sofrimento de perda de alguém que lhe foi além de um par, mas um amor, uma inspiração para sua carreira e um incentivador.

Imagem do Filme: A garota dinamarquesa



Fonte: <http://www.marvinmedeiros.com.br/2016/03/a-garota-dinamarquesa-e-historia-de-lili-elbe-a-primeira-transsexual.html>

Sob a ótica de Foucault a discussão sobre a sexualidade no ocidente possibilitou às pessoas tornarem suas sexualidades um discurso, e assim, um estudo e então, várias possibilidades de mudanças de conceitos surgiram e chegamos até o que aconteceu no filme, que nos remete aos dias de hoje como algo possível e seguro que é a mudança de sexo.

Tais possibilidades aconteceram na ideia de Foucault, não pela repressão em si, mas porque a repressão colocou em pauta estes assuntos, e estes, estando em evidência possibilitaram que muitas visões quebradas e até aceitas como verdadeiras por parte da sociedade.





RESULTADOS E DISCUSSÃO

O filme trata a sexualidade como binária, pode-se nascer e ser homem ou mulher. No entanto, mudar de posição implica num ato de subversão a essa ordem que causa sofrimento frente aos padrões instituídos.

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segunda algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1988, p. 06).

O dispositivo de sexualidade, capítulo no qual é feita a referência com o filme, tem na heterossexualidade a sexualidade dita normal, em contrapartida com as sexualidades ditas desviantes ou patológicas.

Entender e definir as sexualidades passou a ser algo que a cultura ocidental viu como necessidade. Não necessariamente para entender, aceitar, reivindicar, mas como na forma de governar corpos, mas como adverte Foucault (1988), onde há poder, há resistência. O poder majoritário pode tentar abafar, pode tentar normatizar e até ter a intenção de extinguir tudo que transgride a normalização. Porém, sempre haverá possibilidades nos espaços minoritários, que irá resistir, deixando claro que o contrário é totalmente possível também.

Na obra Problemas de Gênero, Butler mostra também o entendimento de Foucault sobre o uso da categoria sexo como “unidade fictícia”.

Para Foucault, o corpo não é “sexuado” em nenhum sentido significativo antes de sua determinação num discurso pelo qual ele é investido em uma “ideia” de sexo natural ou essencial. O corpo só ganha significado no discurso no contexto das relações de poder, do discurso, dos corpos e da efetividade. Como tal, compreende que a sexualidade produz o “sexo” como um conceito artificial que efetivamente amplia e mascara as relações de poder responsáveis por sua gênese (BUTLER, 2003, p.6).

Fica então um grande questionamento: qual a necessidade de se ter uma extensão de pele com características biológicas relacionadas ao gênero para que então possa se sentir homem ou mulher?



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crítica e ao mesmo tempo a imposição social de que um corpo biologicamente definido mas que considera suas vontades, desejos e sentimentos com tendências e conceitos dissidentes, obrigatoriamente precisa se transformar fisicamente, passando por procedimentos altamente invasivos, colocando a vida em risco, especificamente na história se Lili, a personagem acaba vindo a óbito por todas as mudanças que buscou. Seria esta realmente o desejo de Lili ou uma necessidade de ser aceita ou menos rejeitada?

Esta é a mesma imposição social dos corpos perfeitos, que mulheres e homens sofrem, sejam eles heterossexuais ou qualquer outro nome que a sociedade criou para limitar as performances dos corpos.

Se a extensão do corpo é dita pela biologia como masculina mas os sentimentos são ditos pela psicologia ou sociedade como femininos não há nada de errado ou latente de mudança por isto, os corpos são o que são e os sentimentos mudam constantemente. Se para cada mudança de comportamento fosse amputado um membro de nosso corpo e substituído por outro, ou não, porque ele não se adapta aos padrões teríamos corpos condicionados e sentimentos desconcertados. Teríamos? “Existe um corpo “físico” anterior ao corpo percebido? Questão de resposta impossível. Não só a junção de atributos sob a categoria do sexo é suspeita, mas também o é a própria discriminação das “características” (BUTLER, 2003, p.6).

Isto não é uma crítica à cultura do corpo pois até isto seria uma imposição, isto é uma crítica ao que não decidimos conscientes pelo que é imposto em nossas vidas muitas vezes até sutilmente. Somos corpos, estamos heterossexuais, homossexuais, bissexuais, não binários e tantos outros nomes que nos rotulam e sim, somos performances!

Palavras-chave: Arte, Transexualidade, Corpos, Gêneros, Experimentação, Performatividade.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**; tradução, Renato Aguiar. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1 - A Vontade de Saber**, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.